

**O casal homoafetivo no desenho infantil
peppa pig e as mídias sociais**

***The homo-affective couple in the peppa pig
cartoon and the media discourse***

Eliézer Reis VICENTE¹

Resumo

Partindo das teorizações de Michel Foucault sobre a sexualidade, podemos afirmar que há uma necessidade de se problematizar esse tema, tendo como principal motivação, as discussões atuais sobre a homoafetividade e a identidade de gênero. Esse artigo centra-se no acontecimento “casal homoafetivo no desenho infantil *Peppa Pig*” que causou polêmicas na mídia este ano de 2022. Nesse sentido, o que nos interessa ao “olharmos” o episódio *Families* do desenho infantil é conhecer “o caráter móvel da linguagem e das representações” (MEYER; SOARES, 2005, p. 36), problematizando os múltiplos significados produzidos sobre a homossexualidade. Consideramos que o acontecimento analisado provoca certas rupturas com o regime heteronormativo, ao mesmo tempo em que afirma a diversidade sexual em nossa sociedade.

Palavras-chave: Desenho infantil. Peppa Pig. Homossexualidade. Sexualidade. Foucault.

Abstract

Based on Michel Foucault's theorizations about sexuality, we can state that there is a need to problematize this theme, having as main motivation, the current discussions about homoaffectivity and gender identity. This article focuses on the event "homo-affective couple in the Peppa Pig children's cartoon" which caused controversy in the media this year 2022. In this sense, what interests us when "looking" at the Families episode of the children's cartoon is to know "the mobile character of language and representations" (MEYER; SOARES, 2005, p. 36), problematizing the multiple meanings produced about homosexuality. We consider that the analysed event causes certain ruptures with the heteronormative regime, at the same time that it affirms the sexual diversity in our society.

Keywords: Children's cartoon. Peppa Pig. Homosexuality. Sexuality. Foucault.

Introdução

As relações afetivo-sexuais entre pessoas do mesmo sexo sempre existiram na história da humanidade. Se nos utilizarmos de Sarane Alexandrian (1993), podemos ver

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias da Universidade Estadual de Goiás (PPG-IELT/UEG). Bolsista CAPES. E-mail: eliezervicente@gmail.com

como entre os antigos gregos e romanos havia expressões de suas sexualidades desde Autokylos, passando pela poetisa Safo da Ilha de Lesbos, até chegarmos ao Satyricon, as Sátiras de Juvenaletc.

Como elementos culturais, as formas de representação das relações afetivas não eram totalmente livres, sendo convergentes aos elementos da sociedade e cultura, envolvendo disputas, questões históricas e regras. Entretanto, os entendimentos sobre essas relações sofreram alterações a partir de contextos e momentos históricos específicos. Contudo, há ainda uma crescente necessidade de se problematizar a sexualidade, principalmente, as discussões acerca das relações homoafetivas e da identidade de gênero. É como nos coloca Foucault, na *ordem do discurso*, é uma “vontade de saber que não se detém de um tabu irrevogável” (FOUCAULT, 2017, p. 18).

Partindo de que nossas representações culturais não são neutras e estão atadas aos elementos sociológicos e históricos, o presente artigo faz uma análise da representação LGBTQIAPN+ existente no desenho infantil *Peppa Pig*.

Pela primeira vez, em 18 anos que o desenho faz sucesso mundial no público infantil, exibido no Canal 5 no Reino Unido, o desenho tem um novo episódio com o nome de *Families* em que mostra um casal de lésbicas como mães da personagem Penny Polar Bear (Figura 1). Enquanto conversa com seus amigos e desenham suas famílias, Penny explica que mora com duas mulheres: “Eu moro com minha mamãe e com minha outra mamãe. Uma mamãe é médica e a outra cozinha espaguete” – diz a personagem.

Ao entendermos que a linguagem constitui os objetos de que fala, entendemos também que os significados e “os objetos” que dizemos existirem no mundo não existem a priori, mas são construídos nas práticas discursivas, vinculadas a regimes de verdade que lhes dão legitimidade. São essas construções, produzidas no interior de determinados discursos e práticas sociais imbricadas em relações de poder, que instituem os sujeitos e a cultura. Para Veiga-Neto (1996, p. 168), “[...] mais do que mediatizar, isso é, intermediar ou representar para nós o que é o mundo, a linguagem constrói o mundo [...] a linguagem constrói o que interessa do mundo, isso é, constrói os sentidos que damos ao mundo”.

Nesse sentido, o que nos interessa ao “olharmos” o episódio *Families* do desenho infantil *Peppa Pig* é conhecer “o caráter móvel da linguagem e das representações” (MEYER; SOARES, 2005, p. 36), problematizando os múltiplos significados produzidos sobre a homossexualidade.

Para essas discussões, tomamos as teorizações de Michel Foucault, filósofo² do século XX que é o representante de um espírito inquieto, incomodado com os fenômenos diversos que nos afetam como seres humanos e cujas ideias nos impulsionam, também, a refletir sobre contextos educativos contemporâneos e seus impactos na conformação e obediência das subjetividades.

A homossexualidade e a perspectiva foucaultiana

Antes de iniciarmos as discussões acerca da homossexualidade em uma perspectiva foucaultiana, é importante compreendermos ao que o filósofo chamou de “dispositivo da sexualidade”. Para Foucault, este seria o meio pelo qual a sexualidade é produzida e gerenciada, bem como o sexo (ato sexual), disciplinado. Em suas palavras:

Através deste termo [dispositivo] tento demarcar [...] um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes termos (FOUCAULT, 1996, p. 244).

Dessa maneira, por dispositivo da sexualidade, entendem-se práticas discursivas e não discursivas, saberes e poderes que visam normatizar, controlar e estabelecer “verdades” a respeito do corpo e seus prazeres. O dispositivo é “um tipo de formação que, em um determinado momento histórico, teve como função principal responder a uma urgência” (FOUCAULT, 1996, p. 244).

Esse dispositivo dita aquilo que deve ser praticado, interfere nas subjetividades e nas construções individuais referentes aos prazeres e ao corpo com suas verdades e valores morais. Uma influência que se dá em todos aqueles indivíduos que não se desprendem deste dispositivo, sejam eles heterossexuais ou homossexuais.

O dispositivo da sexualidade tem o poder de tornar o sexo possuidor de uma verdade sobre o indivíduo, uma vez que por meio dele se podem alcançar as profundezas do ser. “Seja qual for a opinião dos biólogos a esse respeito, encontramos, pelo menos em

² Filósofo da geração de pensadores franceses dos anos de 1960, período após o esgotamento do existencialismo, corrente filosófica que tem como seus representantes principais Jean Paul Sartre e Maurice Merleau-Ponty (DELEUZE, 2005).

estado difuso, não apenas na psiquiatria, psicanálise e psicologia” (FOUCAULT, 1982, p. 03), mas também “na opinião pública, a ideia de que entre sexo e verdade existem relações complexas, obscuras e essenciais” (FOUCAULT, 1982, p. 03).

No horizonte dessas considerações acerca do dispositivo da sexualidade que a ideia de homossexualidade é produzida. De acordo com Michel Foucault, “foi por volta de 1870 que os psiquiatras começaram a constituí-la (a homossexualidade) como objeto de análise médica: ponto de partida, certamente, de toda uma série de intervenções e de controles novos” (FOUCAULT, 1996, p. 233). Paralelamente a estas questões, caminhavam também as manifestações homossexuais interessadas em expor suas verdades. Uma produção de resistências, outros discursos de si mesmo. Para Foucault (1996) essa resistência é essencial para que os movimentos homossexuais se afirmem, mas de outra maneira que não aquela institucionalizada pelo dispositivo da sexualidade:

[...] está certo, nós somos o que vocês dizem, por natureza, perversão ou doença, como quiserem. E, se somos assim, sejamos assim e se vocês quiserem saber o que somos, nós mesmos diremos, melhor que vocês. Toda uma literatura da homossexualidade, muito diferente das narrativas libertinas, aparece no final do século XIX: veja Wilde ou Gide. É a inversão estratégica de uma “mesma” vontade de verdade (FOUCAULT, 1996, p. 233).

O interesse do filósofo se dá nas formas de resistência contra aquilo que é dito como verdadeiro pelos saberes legitimados em nossa sociedade. É a “inversão” do discurso, da vontade de saber, no qual os indivíduos partem de um mesmo ponto, mas chegam a lugares diferentes. Nesse ponto, o filósofo não ignora a repressão que pode vir a acontecer contra esses pontos de resistência, pois o poder, sendo descentralizado, surge de todos os lugares na tentativa de captar pontos de fuga.

É inegável que espaços vêm sendo construídos na sociedade, principalmente pela mídia, aumentando as discussões a respeito do tema, mas até que ponto essas discussões têm caráter transformador que não visam servir a sociedade normatizadora? Sobre essa questão, Louro (2001) aponta que essa visibilidade:

[...] tem efeitos contraditórios: por um lado, alguns setores sociais passam a demonstrar uma crescente aceitação da pluralidade sexual, e até mesmo, passam a consumir alguns de seus produtos culturais; por outro lado, setores tradicionais renovam (e recrudescem) seus ataques, realizando campanhas de retomada dos valores tradicionais da família

até manifestações de extrema agressão e violência física (LOURO, 2001, p. 542).

Diante desses movimentos que se deve transcender a reivindicação pela “especificidade sexual”, deslocando-se “para reivindicar formas de cultura, de discurso, de linguagem etc., que são não mais esta espécie de determinação e de fixação a seu sexo” (FOUCAULT, 1996, p. 268). Mais ainda, segundo o autor, esta superação não vem ocorrendo, pois “[...] os movimentos homossexuais continuam muito presos à reivindicação dos direitos de sua sexualidade, à dimensão do sexológico” (FOUCAULT, 1996, p. 268). E continua, “Mas isso é normal, pois a homossexualidade é uma prática sexual que, enquanto tal, é *combatida, barrada, desqualificada*” (FOUCAULT, 1996, p. 268, grifos nossos). Uma inquietação colocada por Foucault em uma de suas entrevistas relaciona-se com o problema central da homossexualidade, que segundo ele não deveria ser: “Quem sou eu? Qual o segredo do meu desejo?”, mas sim: “Quais relações podem ser estabelecidas, inventadas, multiplicadas, moduladas através da homossexualidade?” (FOUCAULT, 2005, p. 1).

Outra questão apontada pelo autor é a respeito da imagem construída em torno da homossexualidade, imagem que precisa ser combatida. Segundo ele, a homossexualidade deixa-se ver apenas como uma “forma de um prazer imediato”, uma vez que o que choca as pessoas, não seria o ato sexual em si, mas a possibilidade “que indivíduos comecem a se amar, e aí está o problema” (FOUCAULT, 2005, p. 1).

Consoante a essas discussões apontadas, fica claro que a disposição da opinião pública em geral em considerar a homossexualidade enquanto uma prática estritamente sexual, que excluiria quaisquer outros sentimentos que seriam próprios apenas dos relacionamentos heterossexuais, visto que como afirma Michel Foucault, “continuamos a pensar que algumas dentre elas [práticas que transgridem a lei] insultam a *verdade*: um homem *passivo*, uma mulher *viril*, pessoas do mesmo sexo que se amam [...]” (FOUCAULT, 1982, p. 3, grifos do autor). Ainda em relação à imagem dominante relacionada às homossexualidades, tem-se o que Britzman (1996) chama de mitos, que são utilizados como forma de garantir a permanência da heteronormatividade “... isto é, a obsessão com a sexualidade normalizante, através de discursos que descrevem a situação homossexual como desviante” (BRITZMAN, 1996, p. 79).

De acordo com Foucault (2005), um novo modo de vida pode superar as barreiras sociais e históricas colocadas entre os indivíduos, uma vez que um modo de vida pode

ser partilhado por indivíduos de idade, estatuto atividades sociais diferentes. Dessa maneira,

A luta homossexual deve (nisto consiste seu poder transgressivo ampliável a outros tipos de conflitos sociais: movimentos anti-racistas, ou feministas etc.) aspirar à criação de um novo “direito relacional”, que permita todo tipo possível de relações, em vez de impedi-las ou bloqueá-las [...] A possibilidade de constituir formas novas de sociedade é também possível para a comunidade heterossexual, que tem de ser incluída na luta por um novo “direito relacional” (ORTEGA, 1999, p. 170).

Peppa Pig, homossexualidade e os discursos na mídia

Figura 1: A personagem Penny e suas duas mães



Fonte: <https://pleno.news/entretenimento/peppa-pig-tera-o-primeiro-casal-gay-da-historia-do-desenho.html>. Acesso em: 10 set. 2022.

O desenho infantil *Peppa Pig* já foi alvo de alguns políticos conservadores sendo chamado de feminista, isto porque no desenho, o arranjo familiar constitui-se por papéis sexuais que não encontram espaços nas normalizações heterossexistas. A família da porquinha define as tarefas domésticas em uma lógica mais flexível do que a hierarquia heterossexual vigente, em que mulheres cuidam dos afazeres de casa e homens trabalham fora para prover o sustento. No desenho, a mamãe trabalha no computador e o papai prepara o jantar, o que representa um quadro de transformação dos papéis sexuais e de gênero no cotidiano das pessoas. Tal mudança dialoga diretamente com a realidade de

diversas famílias em que as mulheres, cada vez mais, trabalham fora de casa e assumem o papel de dirigentes familiares.

Desta vez, no dia 06 de setembro, famosa mundialmente, a personagem Peppa Pig conheceu em um novo episódio, um casal homoafetivo, o primeiro a aparecer no desenho infantil britânico em seus 18 anos de exibição. No episódio intitulado *Families*, exibido no Canal 5 no Reino Unido, Penny Polar Bear explicou que mora com suas duas mães.

O desenho infantil *Peppa Pig*, criado pelos animadores britânicos Mark Baker e Neville Astley, está no ar desde 2004, mas é importante evidenciar que o novo episódio foi exibido dois anos depois que uma petição *online* foi criada pedindo que fosse exibida uma “família de pais do mesmo sexo na *Peppa Pig*”. A petição teve mais de 24 mil assinaturas.

“As crianças que assistem *Peppa Pig* estão em uma idade influenciável. Excluir famílias do mesmo sexo vai ensiná-las que apenas famílias com um pai ou mãe ou dois pais de sexos diferentes são normais”, escreveram os criadores da petição. Robbie de Santos, diretor de comunicações e assuntos externos da organização de direitos *LGBT Stonewall*, disse que ver uma família homoafetiva na ficcional cidade de *Peppatown* foi “fantástico”. “Muitos daqueles que assistem ao programa têm duas mães ou dois pais. Será muito significativo para esses pais e filhos que suas experiências sejam representadas em um programa infantil tão icônico”, disse Santos à BBC.

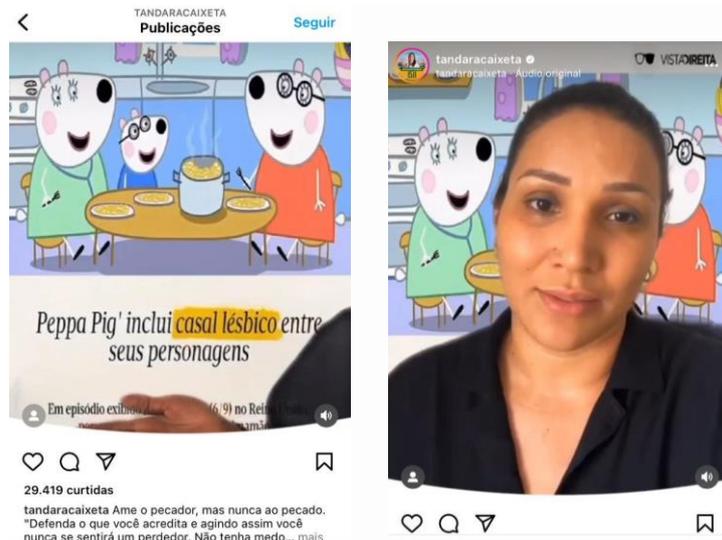
É importante lembrar que *Peppa Pig* não é o primeiro programa infantil a apresentar um casal homoafetivo. O desenho animado americano *Arthur*, destinado a crianças de quatro a oito anos, ganhou elogios em 2019 depois de mostrar um casamento gay durante sua 22ª temporada. Outros programas infantis populares que incluíram relacionamentos LGBTQIAPN+ em seus episódios incluem *Hora de Aventura* e *Steven Universo* — ambos americanos, mas voltados para o público com mais de 10 anos de idade.

Figura 2: O casamento em *Arthur* e a Princesa Jujuba e Marceline de *Hora da Aventura*

Fonte: Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/desenho-infantil-que-mostra-casamento-gay-vetado-por-tv-dos-eua-23683458> e <https://twitter.com/cadelgbt/status/1183085362094235650>. Acesso em: 10 set. 2022.

Contudo, após o mais recente episódio de *Peppa Pig*, as redes sociais ficaram agitadas com o debate sobre a família de Penny Polar Bear. Comentários do tipo: “Lésbicas em Peppa Pig...os shows infantis não podem ser apenas para crianças?”, subiram nas reportagens do novo episódio do desenho. Porém, nos chamou a atenção, a candidata à Deputada Federal, jogadora de vôlei, Tandara Caixeta que usou seu perfil no *Instagram* para criticar o desenho. “E os nossos filhos não estão mais seguros. Essa ideologia que vem sendo implantada através de história em quadrinhos, desenhos, filmes e vídeos na internet”, começou a candidata à Deputada Federal no vídeo. Ao citar o exemplo de história em quadrinho, a candidata remete ao caso exposto pelo também jogador de vôlei Maurício, acusado de homofobia e que, assim como a atleta, se candidatou a um cargo público na eleição deste ano. “Influenciam as nossas crianças valores inverso ao que Cristo ensina. Nós realmente não temos um dia de paz. Portanto, pais, fiscalizem seus filhos, prestem atenção no que eles estão assistindo todos os dias”, completou a candidata. Na legenda de seu vídeo, Tandara Caixeta ainda escreveu: “amar o pecador, mas não o pecado”.

Figura 3: Tandara Caixeta



Fonte: *Instagram* @tandaracaixeta. Acesso em: 12 set. 2022.

Até o século XVIII, os homossexuais podiam ser descritos como sodomitas, em uma categoria ampla, que incluía contato sexual entre homens, homens e animais, ou homens e mulheres de forma a desafiar a reprodução (NUNAN, 2003). Porém, mesmo depois que as ideias religiosas não mais se mostravam como o principal filtro, para se analisar a realidade, isto não significou a aceitação simples de tais grupos.

O século XX, por sua vez, e início do século XXI, ainda se mostra momento de preconceito contra esses grupos, como podemos perceber através do vídeo da candidata à Deputada Federal Tandara, mas houve certos pontos de corte e avanços na liberdade sexual.

A homossexualidade é uma entre as possíveis identidades sexuais, mas que socialmente, apenas a heterossexualidade é a identidade entendida como “normal”, resultando para outras identidades estigmas, preconceitos e discriminação, afinal, a homossexualidade coloca em xeque as bases das famílias tradicionais (cristãs) e o patriarcado. A pedagogia social da sexualidade é reforçada por discursos de líderes religiosos, políticos, pelo machismo e por discursos LGBTfóbicos.

A homossexualidade recebeu seu caráter de “anormalidade”, uma vez que transcende e não obedece, muitas vezes, ao padrão socialmente ao gênero masculino ou feminino. Dessa maneira, “[...] a homossexualidade se mostra como *lócus* de transgressão e de recriação da dicotomia homem/mulher” (MONTEIRO, 199-), ou seja, do

comportamento considerado “apropriado” aos homens e às mulheres, o que possibilita uma discussão sobre o entrelaçamento das identidades de gênero às identidades sexuais. Nesse sentido, o vídeo da candidata busca desconstruir as representações de homens e mulheres, pois questionam os diversos atributos de gênero que são produzidos pela nossa sociedade. Contudo, ainda percebemos que aqueles que não correspondem às atribuições feitas para determinado gênero passam a ser discriminados, ou seja, “[...] aqueles/as que transgridem as fronteiras de gênero e sexualidade, que atravessam ou que, de algum modo, embaralham e confundem os sinais considerados ‘próprios’ de cada um desses territórios são marcados como sujeitos diferentes e desviantes” (LOURO, 2004, p. 87).

Além disso, o vídeo em questão nos possibilita a discussão da temática homofobia (lesbo-homofobia), uma vez que evidencia situações de exclusão social. Por outro lado, nos permitem discutir as “novas” configurações familiares presentes em nossa sociedade, ou seja, a de famílias homoafetivas, formadas por dois pais ou duas mães possibilitando-nos, assim, problematizar a homofobia nesse contexto.

Com o objetivo de preservar a “inocência das crianças”, a candidata à Deputada Federal Tandara Caixeta, conclama que os “pais, fiscalizem seus filhos”. De acordo com Foucault (2014) a infância, na história da sociedade ocidental, tem sido um lugar de preservação da inocência e interdição do sexo e negação da sexualidade.

Quando Tandara Caixeta, diz que o desenho “influenciam as nossas crianças valores inverso ao que Cristo ensina”, nos prova o quanto os temas sexualidade e religião sempre estiveram muito relacionados no contexto ocidental. A sexualidade é amplamente produzida através dos discursos religiosos e científicos, sobretudo na modernidade, no qual as interdições religiosas sobre as relações sexuais produziu todo um pensamento coletivo sobre normas sociais (FOUCAULT, 2007).

Com isso, o espaço religioso não se configura como repressor da sexualidade, mas pelo contrário, um grande desenvolvedor de discursos ideológicos acerca deste (FOUCAULT, 2007), produzindo normas e exclusões, conferindo a homossexualidade um papel desviante de um suposto “comportamento natural”.

A reiteração da heterossexualidade compulsória em discursos religiosos pode se manifestar de maneiras e graus distintos, variando desde o total silêncio acerca da diversidade sexual e de gênero até a produção de estereótipos que operam por uma franca estigmatização de pessoas LGBT (NATIVIDADE, 2009, p. 130).

Em alguns momentos a homossexualidade é apresentada como pecado, em outros momentos como doença, sendo inclusive passível de discussões dentro da ideologia religiosa conservadora, quanto à natureza programada das condutas de homens e mulheres de maneiras distintas e binárias (NATIVIDADE, 2006).

E no caso da lésbica, a perseguição se estabelece através do gênero e da sexualidade, pois se trata de mulheres submetidas a uma cultura patriarcal dentro de ideologias religiosas igualmente patriarcais, além de possuírem o estigma de uma suposta “sexualidade desviante”.

A naturalização a priori, de um papel de gênero específico para o homem e para a mulher, bem como a regulação de suas sexualidades ocorre independente do pertencimento religioso, opera diretamente em todos os espaços sociais. Assim as mais distintas adesões religiosas (ou ausência dessas) disputam a própria liberdade com os discursos religiosos dominantes. “Se o Brasil é definido pelo pluralismo religioso, no que tange à expressão pública das religiões, o pertencimento cristão (em suas várias correntes) tem dominado a cena e imposto suas representações conservadoras e arcaicas sobre o gênero e a sexualidade” (FERNANDES, 2013, p. 487).

De modo a usar fundamentalismos bíblicos seletivos para dar plausibilidade ao preconceito da lesbo-homofobia. Utiliza-se de um instrumento religioso como maneira de legitimar uma sexualidade padrão.

Considerações finais

Com base no que analisamos até aqui, verificamos que, se por um lado, a manifestação da homossexualidade é ainda apontada como um comportamento sexual desviante, longe das normas heterossexistas, sobretudo por alguns segmentos religiosos, por outro lado, houve mais uma quebra de um tabu social com a introdução de um casal homoafetivo no desenho infantil *Peppa Pig*, que é destaque mundial.

Dessa maneira, entendemos que diante do avanço irrefutável das discussões acerca das relações homoafetivas e as novas concepções familiares, parece-nos que a heterossexualidade ainda resiste como uma instância que alicerça, via discurso, construções culturais e sociais de identidades e de gêneros, pois do contrário, assuntos como o que foram aqui tratados, não necessitariam ser problematizados. Contudo, podemos perceber certas rupturas com o regime heteronormativo e uma afirmação da

diversidade sexual em nossa sociedade. Ao que parece, o desenho infantil, materializa em seu enunciado uma prática discursiva que faz parte da realidade de muitas crianças. Nesse horizonte, nossa problematização aponta para a “luta perpétua e multiforme” na qual se encontra a sexualidade.

Desse modo, é possível entender que as representações sobre sexualidade constroem relações de distinção social, que incide na fabricação de sujeitos homossexuais e heterossexuais, ou seja, vamos aprendendo, desde muito cedo, a ocupar e reconhecer os lugares sociais através de um complexo de forças e de processos que incluem instâncias como os meios de comunicação de massa, ciência, as revistas, os brinquedos, a literatura, o cinema, a música e que produzem, por exemplo, diferentes e conflitantes formas de conceber e de viver nossas identidades sexuais e identidades de gêneros. Entendemos que esses artefatos, tais como o desenho *Peppa Pig*, mais do que falar sobre as experiências de vida, desejos e corpos desses sujeitos está há mesmo tempo, produzindo e instituindo verdades sobre o que é ser homem, mulher, heterossexual, homossexual, entre outras identidades.

Assim, conforme Foucault (2007), a homossexualidade não é simplesmente uma identidade sexual e ocupação do corpo, mas é, sobretudo, discurso, investigação, conhecimento, criação de significados, troca simbólica, enfim, herdeira legítima da vontade de saber.

Toda essa reflexão nos remete àquilo que Michel Foucault afirmou ser seu principal interesse, o sujeito e suas formas de objetivação e de subjetivação, pois “o sujeito humano é colocado em relações de produção e de significação, é igualmente colocado em relações de poder muito complexas” (FOUCAULT, 1995, p. 232). Trata-se, portanto, de rupturas, deslocamentos e transformações constantes na constituição dos sujeitos.

Referências

ALEXANDRIAN, Sarane. **História da literatura erótica**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

BRITZMAN, Deborah. O que é esta coisa chamada amor – identidade homossexual, educação e currículo. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 71-96, jan./jun. 1996.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

FERNANDES, F. B. M. Assassinatos de travestis e “pais de santo” no Brasil: homofobia, transfobia e intolerância religiosa. **Saúde em Debate**, n. 98, p. 485-492, 2013.

FOUCAULT, Michel. Da amizade como modo de vida. De l’amitié comme mode de vie. Entrevista de Michel Foucault a R. de Ceccaty, J. Danet e J. le Bitoux. Tradução: Wanderson Flor do Nascimento. **Gai Pied**, [S.l.], n. 25, p. 38-39, abr. 1981. Disponível em: <http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/amitie.html>. Acesso em: 10 set. 2022.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. Aula Inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 294.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 18. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007.

FOUCAULT, Michel. **Herculine Barbin: o diário de um hermafrodita**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1982.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1996.

FOUCAULT, Michel. In: DREYFUS, Hubert L. & RABINOW, Paul. **Michel Foucault, uma Trajetória Filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Trad. Vera Portocarrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 231 –249.

HANCOCK, Sam. Peppa Pig traz primeiro casal de personagens do mesmo sexo no programa infantil. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-62828777?xtor=AL-73-%5Bpartner%5D-%5Bcorreiobrasiliense.com.br%5D-%5Blink%5D-%5Bbrazil%5D-%5Bbizdev%5D-%5Bisapi%5D>. Acesso em: 12 set. 2022.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 541-553, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica. 2004.

MEYER, Dagmar Elisabeth Estermann; SOARES, Rosângela de Fátima. Modos de ver e de se movimentar pelos “caminhos” da pesquisa pós-estruturalista em educação: o que podemos aprender com – e a partir de – um filme. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Caminhos investigativos III: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p. 23-44.

MONTEIRO, Marko. **O pós-estruturalismo no estudo do gênero**. [199-]. Disponível em: <http://www.artnet.com.br/~marko/laymert.html>. Acesso em: 10 jun. 2011.

NATIVIDADE, M. Homossexualidade, gênero e cura em perspectivas pastorais evangélicas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, n. 61, p. 115-132, 2006.

NATIVIDADE, M.; OLIVEIRA, L. de. Sexualidades ameaçadoras: religião e homofobia (s) em discursos evangélicos conservadores. **Sexualidad, Salud y Sociedad-Revista Latinoamericana**, n. 2, p. 121-161, 2009.

NUNAN, Adriana. **Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo**. Rio de Janeiro: Caravansarai, 2003.

ORTEGA, Francisco. **Amizade e estética da existência em Foucault**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

VEIGA-NETO, Alfredo. A didática e as experiências de sala de aula: uma visão pós-estruturalista. **Educação e Realidade**, v. 21, n. 2, p. 161- 176, jul.-dez. 1996.